



13:14 ✓✓



ALFREDO EM PROCESSO;
NICOLAIEWSKY EM QUARENTENA

PPGART
editora



Compartilhar



Favorito



Editar



Excluir



Mais

PPGART
editora

ALFREDO EM PROCESSO;
NICOLAIEWSKY EM QUARENTENA

PPGART
editora

ALFREDO NICOLAIEWSKY
ORGANIZAÇÃO

ALFREDO EM PROCESSO;
NICOLAIEWSKY EM QUARENTENA

TEXTOS

BLANCA BRITES
EDUARDO VERAS
ICLÉIA CATTANI
JOANA BOSAK
KÁTIA POZZER
MARILICE CORONA
MARIZE MALTA
NARA AMÉLIA
PAULA RAMOS
PAULO GOMES
TADEU CHIARELLI

SANTA MARIA
2020

PPGART
editora

© de Alfredo Nicolaiewsky

1ª edição: 2020

Organização: Alfredo Nicolaiewsky

Revisão de texto: Luana Nicolaiewsky

Fotografia: Alfredo Nicolaiewsky

Design gráfico: Sandro Ka

A892 Alfredo em processo; Nicolaiewsky em quarentena [recurso eletrônico] / Alfredo Nicolaiewsky, organização ; textos Blanca Brites, Eduardo Veras, Icléia Cattani, Joana Bosak, Kátia Pozzer, Marilice Corona, Marize Malta, Nara Amélia, Paula Ramos, Paulo Gomes, Tadeu Chiarelli ; [revisão de texto: Luana Nicolaiewsky ; design gráfico: Sandro Ka]. – 1. ed – Santa Maria, RS : Ed. PPGART, 2020.
1 e-book: il.

ISBN 978-65-88403-05-1

1. Pintura – Nicolaiewsky, Alfredo 2. Nicolaiewsky, Alfredo – Pintura 3. Diálogos – Isolamento social – Covid-19 I. Nicolaiewsky, Alfredo II. Brites, Blanca Luz II. Veras, Eduardo Ferreira IV. Cattani, Icléia Maria Borsa V. Figueiredo, Joana Bosak de VI. Pozzer, Kátia Maria Paim VII. Corona, Marilice Villeroy VIII. Malta, Marize IX. Silva, Nara Amélia Melo da X. Ramos, Paula Viviane XI. Gomes, Paulo César Ribeiro XII. Chiarelli, Tadeu XIII. Nicolaiewsky, Luana XIV. Ka, Sandro
CDU 75NICOLAIWSKY

869.0(81)-83

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte CRB-10/990
Biblioteca Central - UFSM

Todos os direitos desta edição estão reservados à Editora PPGART.

Av. Roraima 1000. Centro de Artes e Letras, sala 1324. Bairro Camobi. Santa Maria/RS - Telefones: 3220-9484 e 3220-8427
E-mail: editorappgart@ufsm.br e seceditorappgart@gmail.com
<http://coral.ufsm.br/editorappgart/>

Alfredos em jogo

Paula Ramos

O ano astrológico de 2020 começou dez dias após a OMS caracterizar a COVID-19 como uma pandemia. Astrólogos do mundo inteiro aguardavam, ansiosos, pelo ano da tríplice conjunção entre Júpiter, Saturno e Plutão em Capricórnio. Uma conjunção entre planetas lentos que não acontecia há séculos e que indicava, aos entendidos, o fim de uma era, a grande mutação.

Naquele 21 de março, sábado, o Sol entrou em Áries rasgando. Os 28°C em Porto Alegre estavam na normalidade para o princípio de outono, desafiando as pessoas a lagartear nos parques; todavia, os perigos e a letalidade de um ser invisível indicavam que o melhor caminho, mesmo, era o do aconchego ou paranóia do lar. Por aqueles dias, início de tudo em terras brasílicas, a novidade do isolamento social até tinha um certo charme, e não foram poucos a encontrar sentidos transcendentes na necessidade de recolhimento – eu, inclusive.

Pelo WhatsApp, o grupo "Os convivas"¹ começou a função às 9h20, com Blanche du Bois postando o desabafo de um médico do S.U.S. sobre a "didática" do novo coronavírus; às 12h24, Paulo César repassava o apelo das operadoras de telefonia móvel para que os clientes evitassem o envio de vídeos, pois a rede estava próxima a colapsar; 15 minutos depois, foi a vez da Joana, compartilhando sugestões de seis treinos físicos e lembrando que o brownie nosso de cada dia em breve ia pedir a conta, ao que o Edu confessou já estar matriculado em programas online de yoga e de ginástica; às 17h31, Paulo enviava uma simpática foto dele e do Alfredinho, diretamente da área de serviço do apartamento 132 do Edifício Viena, coração do Bom Fim, com a legenda: "Cafezinho de fim de tarde"; Katia, quatro minutos depois, compartilhava o resumo de um artigo que havia finalizado, propondo uma reflexão sobre imagens de corpos nus de 4.000 anos, ao mesmo tempo em que anunciava, emoji do olho piscante e língua de fora: "E vai ter uma porção de figurinhas". Tudo estava indo mais ou menos dentro da normalidade quando, de repente, Marte, regente de Áries e com toda a coragem e assertividade que lhe caracterizam,

¹O grupo foi constituído pela Katia Pozzer, em algum momento de 2017, a partir de um simpático convite para almoço em Canela, oferecido pela Katia e pelo Álvaro Merlo. Os "convivas" são: Alfredinho, Blanche du Bois, Edu Veras, Joana Bosak, Paulo César e eu, além da Katia, é claro. Só gente bacana e do bem!

irrompeu em uma mensagem das 20h46, enviada pelo Alfredinho, também ele novo nas redes e recentemente aparelhado com um *smartphone*:

Caros amigos. Estou iniciando uma nova experiência. Há algum tempo pensei em voltar a pintar, depois de 20 anos. Com a quarentena, comecei. Decidi tb compartilhar com vocês este trabalho. Está em processo. O 1 (o claro) tem 2 dias de trabalho. O 2 (cinza) comecei hoje. Vou postando o andamento. Não sei o que vai acontecer. Talvez dentro de uma semana taque fogo. Veremos...

O texto vinha acompanhado de duas imagens caracterizadas pela repetição de formas circulares, estruturadas a partir de uma malha ortogonal; imagens que, de largada, me hipnotizaram e para as quais escrevi AMEI – assim mesmo, em caixa alta. De pronto chamei a atenção para o fato de que os círculos remetiam às aberturas dos cobogós da mesma área de serviço do “cafezinho de fim de tarde”, percepção que teve acolhida por parte do Paulo – “Acho que faz sentido em tempos de quarentena” – e, enviada, também por parte do Alfredinho: “Sem comentários”. Mas, no dia seguinte, diante da nova postagem registrando o andamento do trabalho, a Joana apontou: “Olha os cobogós! ”. E eles estavam ali, explícitos, evocados na obediente seriação globular. Como, a cada dia, despontava uma inquietante variação sobre o mesmo tema e

como eu estava brejeira para cutucar nosso compenetrado artista em processo, lá pelas tantas, 3 de abril, provoquei: "Alfredinho, já temos o título da exposição: Cobogós". Mas ele, definitivamente, não curtiu: "Cobogós com arame farpado" – *Bullying* pouco é bobagem!

O fato é que a coisa foi tomando corpo. No dia 15 de abril, às 16h46, novo registro do cafezinho com cobogós e a esfíngica mensagem do Paulo: "Gente, está pegando fogo na caixa d'água". Provavelmente foi durante essa tertúlia amiga e efervescente que eles amadureceram o projeto, compartilhado às 19h06:

Ontem o Paulo teve uma ideia: quando a série estiver bem mais adiantada, fazer uma publicação com todas as etapas e com todos os comentários de vocês, inclusive com os corações e outras coisas mais.

Balbúrdia geral.

Edu: Então a gente vai ter q caprichar bem mais nos comentários.

Joana: Aiaiaiaiaiaiaia. Adjorei vai ter que acabar, bem como ♥.

Blanche du Bois: Mas agora perdeu a espontaneidade e o descompromisso! Agora é sério!

Alfredinho: Professora Blanca, então as coisas que dizias não eram a sério???????? Tá todo mundo achando uma merda, mas ficam me enrolando?

Joana: Não, Alfredo querido. Apenas

informalidade-excessiva-sem-compromisso-de-bancar-crítico-de-arte-na-quarentena!

Edu: De minha parte, admiração profunda. Mas devo confessar: inveja também. Pela capacidade de se renovar e se inventar sempre. Essa inquietude q faz de ti alguém mais jovem do que eu. Hehehe. Eu só penso: como consegue? E invejo...

Passada a DR, as vozes pacificantes:

Paulo: O que o Alfredo está fazendo é desvelar, pela primeira vez, o seu modo de trabalhar. Olha, conheço esse cara faz um tempão e ele nunca abriu isso. Mérito do grupo de amigos!

Katia: Pois é justamente esse desvelamento do processo que eu tô achando incrível! É uma baita generosidade do Alfredo! E é verdade: tá bonito mesmo!

Pragmático, direto e insuportavelmente realista, Alfredinho resolveu não dar bobeira para a quarentena; e mais: resolveu que faria isso em bando. No dia seguinte, 16 de abril, era formado o grupo "Alfredo em processo", constituído pelos "convivas" + Icleia Cattani, Marilice Corona, Marize Malta, Nara Amélia Melo, Tadeu Chiarelli e, à medida que o projeto da publicação se aproximava, Sandro Ka. E então começou a efusiva troca de mensagens, comentários, observações e "quero mais". Sim: um dia sem postagem e a turba vinha abaixo.

A série *Quarentena* eclodiu como um jorro, mais ou menos como o filme *Só (Clipão da Quarentena)*, da Adriana-diva-Calcanhotto. Enquanto a maioria das pessoas enfrentou a

carestia generalizada com mau-humor e fadiga, nosso artista estava a mil, revisitando muitos "Alfredos": [1] o pintor, que não se manifestava há pelo menos vinte anos; [2] o desenhista, presente em sala de aula, mas longe do ateliê; [3] o pseudo-designer gráfico, apaixonado por padrões geométricos e decorativos, arabescos e desenhos de superfície; [4] o colorista, livre-leve-solto, derramando-se nos contrastes e superando-se nas delicadezas; [5] o libertário, adotando a precária e descartável sucata de papelão como suporte; [6] o paciente e controlado, obedecendo aos desenhos, limites, tons e ritmos autoimpostos; [7] o brincalhão e angustiado, permitindo-se desconstruir e anarquizar esses mesmos desenhos, limites, tons e ritmos. Ah, sim, e [8] o arquiteto, é claro... não vamos esquecer que Alfredo Nicolaiewsky é arquiteto de formação, educado na melhor tradição modernista e que adora um... CO-BO-GÓ!!!

Na verdade, creio que essa lista de "Alfredos" em jogo poderia ser ainda maior. Elenquei os mais evidentes, aqueles que pululam a partir dos próprios trabalhos. E que trabalhos deliciosos, vamos combinar! Fico particularmente encantada diante do modo como o Alfredo vai dialogando com as dobras, emendas e ranhuras do papelão, como ele vai justapondo fragmentos, lidando com a continuidade das formas, encadeando os desenhos mais geométricos aos orgânicos, passando de um tom a outro, pontuando as

composições pelos contrastes. Gosto de observar o enleio entre uma rigidez aparente e os rastros da mão, palpáveis no próprio tratamento das camadas de cor, que não são chapadas, mas texturizadas, enfatizando a geometria imperfeita; gosto, igualmente, de ver os rasgos, grampos, eventuais escritos e marcas de pressão na superfície do papelão, em diálogo com os desenhos e as cores; gosto de fantasiar os vários Alfredos em conciliação ou crise.

Gosto: não substantivo, mas conjugação do verbo *gostar*. A palavra pode parecer despropositada, mas é isso mesmo: gosto de imaginar isso tudo, inclusive porque, em grande medida, encontro eco na própria forma como o Alfredo lida com as coisas às quais dedica um de seus bens mais preciosos: tempo. Parece-me que a força motriz desse admirável artista não está em outro ponto a não ser, absolutamente, no que lhe dá prazer, no que lhe convida à contemplação, no que lhe atíça os sentidos. Filosofias e sutilezas fazem parte de um mundo que não é propriamente o dele e, também por isso, a absoluta liberdade com que se lançou a essa despreziosa e fascinante série é um sopro de vigor, de sensualidade e de afirmação dos processos e das belezuras que realmente lhe comovem. Coisa de taurino.